

A CONSTRUÇÃO DO MEU “EU” PROFISSIONAL

Elizane de Andrade¹

Educadora Associação Horizontes

“Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado.”

FREIRE, Paulo. ²

O presente artigo tem por objetivo, refletir sobre a prática pedagógica de uma pedagoga em construção, nos meses de trabalho desenvolvido no Consórcio Social da Juventude – Aroeira 2007/AH, onde muitas coisas precisam ser relatadas, desde as minhas propostas de trabalho até à construção do meu “eu” profissional.

O Consórcio Social da Juventude (CSJ), que é uma ação do Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE) e tem como objetivo qualificar os jovens e prepará-los para inserção do mercado de trabalho. O programa é destinado a jovens de baixa renda, com idade entre 16 e 24 anos em situação de vulnerabilidade social. Nesta ação, os jovens passam por um processo de qualificação tendo uma capacitação básica social e profissional através de oficinas-escolas e atividades comunitárias, totalizando 400 horas. As ações do CSJ visam o estímulo ao empreendedorismo e protagonismo juvenil, ações de qualificação profissional orientadas para a inserção no mundo do trabalho e execução do serviço civil voluntário.

Em janeiro de 2007, começo a trabalhar com a executora Associação Horizontes para ser educadora do Consórcio Social da Juventude - Aroeira II, mudo de bairro, cidade, novos vínculos, outras estruturas e possibilidades.

Primeiramente preciso registrar que este artigo terá a pretensão de tecer uma análise, a respeito dos projetos de trabalho que se configuram como sendo o mesmo para os dois grupos com os quais atuei, não pela questão de facilidade, mas por ambos partirem da mesma problematização a “constituição de grupo”, citando nosso referencial teórico:

¹ Educadora da Associação Horizontes, Pagani/Palhoça – Matutino e Vespertino. Pedagoga com Habilitação em Séries Iniciais formada pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

² FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e terra, 2006.

A Primeira fase do trabalho terá como foco a constituição do grupo. Para isso serão utilizados jogos e brincadeiras de apresentação e integração. A dinâmica dessa fase inicial do processo incluirá ainda, atividades que visem a recordação, registro e socialização das histórias de vida dos jovens, suas famílias e comunidades, além da reflexão sobre identidades e diferenças que se manifestem entre os integrantes do grupo, seus contextos sócio-culturais, as relações com o conjunto da cidade, com meio ambiente e com o mundo.³

Neste primeiro momento, o trabalho com ambos os grupos foi bastante desafiador devida a “superlotação” das turmas, pois nosso espaço físico de trabalho era no auditório da Prefeitura Municipal de Palhoça. O espaço disponibilizado pela parceria com a Prefeitura de Palhoça era amplo e climatizado, mas que era o único naquelas redondezas para receber os jovens interessados. Optei por ficar com dois turnos e em cada um dos turnos assumo 50 jovens. Fundamentada pela proposta pedagógica do Centro Cultural Escrava Anastácia (instituição âncora do CSJ em SC), em relação à definição das metas e a escolha metodológica dos projetos, crio com eles (através das dinâmicas de grupo) um primeiro projeto de integração. Uma falha que identifico só depois, foi o fato deles não identificarem que tipo de “projeto de trabalho” estávamos efetivamente realizando, pois não decidimos em conjunto, mas sim, a partir das minhas observações quanto às necessidades dos grupos, que por serem numerosos não conseguiam dialogar, nem ouvir, nem se conhecer. Então começo com dinâmicas de integração e vivência; a grande maioria extraídas do livro “Ser e Conviver” da Serrão⁴. Percebo que eles começam o processo de integração, sem se dar conta, pois, são parte deste processo.

Durante o período de integração, percebi que estes grupos, como quaisquer outros grupos que estão se constituindo e são muito numerosos, precisávamos trabalhar respeito, comunicação, e principalmente relacionamento interpessoal.

A falta de conhecimento da sua própria identidade e a identidade das outras pessoas que compõem este numeroso grupo dificultava qualquer tipo de trabalho que tivesse como finalidade promover a troca e a aprendizagem, elementos fundamentais dentro de grandes grupos. Para contribuir na construção desta identidade grupal, partindo do reconhecimento do eu social e político ativo, chegamos à idéia de trabalharmos a diversidade pelos caminhos da complexidade, tendo como eixo suleador à construção do projeto de vida, das perspectivas de futuro, bem como a aprendizagem cidadã.

Para dar conta de todos os aspectos da diversidade⁵ deste grupo, fez-se necessário trabalharmos em uma perspectiva transdisciplinar como nos propõe Morin:

³ Proposta pedagógica do AROEIRA, Pág. 21.

⁴ SERRÃO, Margarida; Baleiro, Maria Clarice. Aprendendo a ser e a conviver. São Paulo: FTD, 1999.

⁵ 1.Diferença, dessemelhança, dissimilitude.

Devemos, pois pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartimentalização dos saberes e da incapacidade de articulá-los, uns aos outros; por outro lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada.” (Morin, 2006. Pág. 16)

Pois só uma metodologia que “entende que a construção do conhecimento não se dissocia da constituição do eu, nem da transformação do real”, pode dar conta de trabalhar com qualificação sócio-profissional. Como nos diria Paulo Freire: “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o pensamento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. Esse movimento dialético que nos fala Freire nos permite analisar a prática e seguir adiante apesar das contradições, falo destas, pois, não há prática pedagógica neutra e nem tampouco fórmulas prontas de como fazer. O fazer acontece na prática, no embate do dia-dia, e ainda mais, acontece quando estamos ocupados demais dando conta de milhares de outras coisas. Pois temos toda uma relação a ser desenvolvida, acerca do que acreditamos, do que entendemos e do que diante de questões físicas e estruturais, é possível fazer, por isso acredito ser inevitável o sentimento de contradição. Entendo este como um processo saudável, se pensarmos que “nossas verdades são provisórias”, pois, ora acreditamos estar fazendo o “correto” e de repente temos que mudar completamente os planos. Ora acreditamos em uma teoria, ora nos desiludimos com ela, pois somente ela, não dá conta.

Todo material teórico utilizado, entre eles as dinâmicas de grupo, tudo trazia como orientação a aplicação para no mínimo 25 a 30 pessoas, por isso todas as dinâmicas, foram “adaptadas”. Aulas expositivas não funcionavam, pois não se tratava de um “cursinho pré-vestibular”, onde apenas retomamos os conteúdos referentes a toda a nossa vida escolar, tratava-se de uma preparação sócio-profissional que tinha como enfoque, o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes. Isto tudo numa linguagem de competências que tanto me assustava, pois carregava ainda muitos resquícios fortes de uma linguagem acadêmica da minha recente formação, que falava em “saberes”.

Mais uma vez aparecem às contradições, ou o melhor, o que chamo de contradição, pois para mim competência estava relacionada a um discurso neoliberal, centralizador no “self”, ou seja, tudo é centrado, parte ou é determinado pelo sujeito. Em meio a tudo, estávamos tentando criar coletivamente nossos “projetos de trabalho”, pensando o tempo todo numa

2. Divergência, contradição; oposição.

3. Filos. Caráter do que, por determinado aspecto, não se identifica com algum outro.

4. Filos. Multiplicidade de coisas diversas.

perspectiva multidimensional, transdisciplinar, contemplando os referenciais teóricos da proposta do Aroeira.

Percebo que é exatamente neste material que me encontro, ou encontro respaldo, para tudo o que estava tentando fazer, mesmo sem ter exatamente certeza do que estava fazendo.

Encaminhava com todos os jovens as idéias propostas pelo referencial teórico, isto em meio a tantas "adaptações". E era nos seus "projetos de vida", que eles mencionavam e identificavam, que eles percebiam quem eram, e o que estavam fazendo para alcançar seus sonhos, suas metas, e objetivos; e ao final deste processo percebemos que eles, então se identificam, no seu particular e superficialmente enquanto um coletivo, pois os textos escritos a partir da "análise orientada" do painel de atividades são testemunhos disto.

Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influencia das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo. (FREIRE, Paulo.)

No nosso segundo projeto "pensamos" em uma articulação de 5 pequenos grupos, relacionados às suas oficinas específicas, para termos grupos menores, fortalecidos pela idéia construída de vínculos, pois até o presente momento trabalhávamos o "grande grupo", os jovens então se dividem em três espaços/oficina, uma de "comércio varejista", outra de "Técnicas Avançadas de Vendas" o telemarketing e uma que chamamos de "Grupo Misto" que reuniu as oficinas de menor demanda "frentista" "hotelaria" "bar e restaurante.

Por esse motivo nosso projeto de trabalho pensado coletivamente por jovens, educadora e coordenação, tem como finalidade exercitar o trabalho em equipe. Estas oficinas são constituídas por seres autônomos dentro das regras estabelecidas e convencionadas dentro do próprio grupo, pois, são eles que articulam suas leituras, suas atividades, criam seu painel e elaboram o roteiro e os papéis de suas encenações, que se transformarão em mais um produto final do projeto. Eles também definem a forma pela qual vão estruturar seu feedback, semanal opinando sobre o desenvolvimento de cada um da equipe, exercitando assim a habilidade de analisar criticamente as situações de cunho profissional, não levando as críticas construtivas para o plano pessoal.

Nossa proposta de trabalho tem desde o principio o objetivo de proporcionar a inserção e a permanência desses jovens no mercado de trabalho. Para isso nosso processo de qualificação sócio-profissional precisava dar conta de construir com estes jovens uma formação que ultrapassasse as barreiras do mercado, que muda incessantemente devido às novas lógicas e discursos neoliberais. Então precisávamos prepará-los para o "mundo do trabalho", pois, este

permite um protagonismo juvenil atuante e consciente de seu papel para construir as mudanças necessárias ou pelo menos lutar em condições de igualdade, com quem tem melhor acesso aos bens de produção.

Entendendo a juventude enquanto um fenômeno multidimensional e que diversos são os fatores que constituem a identidade juvenil; entendendo que o contexto econômico e social ao qual este jovem está inserido é parte integrante da construção da sua personalidade, podemos afirmar que trata-se de um momento na vida que certamente se está mais aberto ao aprendizado de novos conhecimentos, novas posturas e a construção de novas relações sociais.” (COELHO, Alonso Nunes)⁶

É entendendo todos os processos pelos quais os jovens passam que buscamos na construção cotidiana do conhecimento, incentivá-los a mudança de comportamento e de atitudes, tornando as atitudes mais positivas, para que os jovens consigam se perceber como sujeitos atuantes e responsáveis por suas ações, independentes para construir seu conhecimento.

Construímos esse projeto na perspectiva de obtermos com nosso material de apoio, uma qualificação profissionalizante através do desenvolvimento do perfil profissional, que está previsto nos vinte e nove itens do nosso material de apoio. Através dele ocorrem nossa discussões, nossas dinâmicas e por estes itens que começam com “história do trabalho”, segue com o desenvolvimento das competências, onde realizamos a construção da árvore das competências, sendo a primeira “trabalhar sob pressão”, depois comunicação, criatividade até chegar ao item da “introdução ao atendimento ao cliente”, depois os temas transversais e preparação para o mundo do trabalho.

Como resultado final desse nosso projeto de trabalho, iniciamos as construções de nossos painéis coletivos, dentro de cada subgrupo com “notícias” de cada uma das competências que estávamos conhecendo referentes à oficina específica escolhida. Algumas encenações de situações no ambiente de trabalho onde representavam algumas competências “desenvolvidas”, bem como dinâmicas de grupo aplicadas de um grupo para o outro para trabalhar os temas transversais.

Em conjunto com todo esse processo, temos como momento de formação a leitura do livro “cabeça bem feita” de Edgar Morim, perfeita atividade para efetivamente entendermos esse novo paradigma com o qual estávamos nos propondo trabalhar.

Mas fiquei bastante frustrada, pois, Morim me diz o porquê da perspectiva transdisciplinar, e isso eu entendo e concordo plenamente, mas minha angústia é que em

⁶ COELHO, Alonso Nunes. Juventude... que bixo é esse?, 2002/2003, curso de formação de gestores. OBJ.

nenhum momento ele me diz como fazer. Não no sentido de fórmulas prontas, mas no âmbito de exemplificar para que eu possa passar por essa formação, pois sou fruto de um modelo de ensino disciplinar que está a mais de quinhentos anos fazendo parte do ensino escolar.

Percebo também, hoje, analisando minha prática pedagógica, que justamente por estar “crua” saindo da academia, é que aceito e compro a proposta de trabalhar numa perspectiva transdisciplinar, mesmo sem saber como exatamente proceder. Por isso “sofro”, pois além de ser minha “iniciação”, esta ocorre com a aplicabilidade de um outro paradigma, e essa foi a parte rica do processo;

No momento presente, temos ainda que dar conta de outros processos paralelos e não menos importantes tais como nossas planilhas de avaliação, contemplando cada um dos jovens, notas de testes de conhecimento objetivo e subjetivo, parecer das atitudes e comportamento, tabelas de frequência, registros, observações e estruturação fundamentada do projeto de trabalho.

Por toda essa trajetória, é que cito Freire, quando ele fala de gostar de gente e do inacabado, pois assim que se constitui a prática e o pensar sobre a prática, e é assim que vamos, nos constituindo, nos perdendo e nos encontrando, mudando e reorganizando nossas atitudes.

Pois para mim tamanha juventude expressa no rosto até quanto à credibilidade de ‘seres’ mais experientes eu tive que lutar, vestindo-me de forma diferente, usando outros acessórios e por fim “cortando os cabelos”, não por imposição, mas por necessidade de começar por eu empreender a mudança. Lembrando que esta sempre ocorre de dentro para fora, ou seja, o externo apenas representa aquilo que lá dentro já vem acontecendo: Até por que as mudanças não podem alterar a essência, ou melhor, a essência essa sempre continua a mesma. Por isso muitos comportamentos observados nos jovens são muitas vezes recorrentes o que não significa que nossa ação educativa não tenha sido válida, mas que talvez ainda para estes ainda não tenha sido o momento, mas no decorrer do processo, quando efetivamente a inteligência “precisar” ou mesmo as situações da vida lhes exigirem, é de toda esta construção que eles vão lembrar, ou talvez nunca vão esquecer.

Não posso duvidar que duvido; logo, eu penso. Se penso, logo, eu sou, isto é, eu existo na primeira pessoa como sujeito. Então surge o mistério: o que é este “eu” e este “sou”, que não é simplesmente “é”? (Descartes, apud, Morin, 2006. Pág. 117).

No nosso terceiro projeto de trabalho optamos por gestar uma festa temática, para que esta fosse a consolidação de nossa oficina específica, pois quando iniciamos nosso módulo específico as turmas manhã e tarde da prefeitura de Palhoça acabam virando por escolha dos jovens oficinas “duplas”, contemplando duas “habilitações” “Comércio Varejista e Técnicas Avançadas de Vendas”. Recebemos um outro educador que assumiu metade de cada grupo e coletivamente, todos nos

empenhados em idéias, discussões, contribuições, e encaminhamos com os jovens a gestão da “festa junina”, que contou também com as “reuniões de ouvidoria”, onde os jovens, representantes das turmas escolhidos por seus respectivos grupos, estes assumiam e votavam as decisões referentes à organização, gestão da festa.

Juntamente com o desenvolvimento da organização da festa, tivemos os conteúdos específicos da oficina, que foram selecionados e “escolhidos pelos jovens”, trabalhamos estes em forma de apresentações, onde um pequeno grupo responsável por aquele conteúdo, explicava de forma prática como poderíamos nos embasar para nossa vida profissional, estes tópicos também estavam relacionados a festa, pois esta sendo o nosso projeto de trabalho, era sempre nosso “pano de fundo”, assim quando discutimos a “arte de vender” as “técnicas de vendas”, porcentagem, calculadora, motivação, orçamento, fechamento, as relações aconteciam sempre pensando a festa .

O acontecimento deu trabalho, mas foi um sucesso, muitos jovens se revelaram neste momento específico do curso, mostrando efetivamente o salto qualitativo que toda essa construção conseguiu gerar.

Entender a juventude como parceiros na construção de um novo modelo de gestão, é pensar estrategicamente o futuro desta nação. Precisamos impulsionar os jovens de forma a criar condições para eles, disponibilizando acesso ao conhecimento e as tecnologias de gestão para que possam construir uma nova perspectiva social, respeitando o indivíduo e construindo o coletivo.⁷

Referência:

- AZIBEIRO, Nadir Esperança, equipe técnica do CCEA. Aroeira – proposta pedagógica. Séries manuais – 02. Florianópolis, 2006.
- AZIBEIRO, Nadir Esperança. Que cara tem o Aroeira? Uma contribuição à sistematização de uma prática de educação popular e inclusão cidadã. Florianópolis : CEPEC, 2006.
- BRADÃO, Carlos Rodrigues. A educação como cultura. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- COELHO, Alonso Nunes. Juventude... que bixo é esse?, 2002/2003, curso de formação de gestores. OBJ.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: paz e terra, 1996.
- HORIZONTES, Educação e Trabalho. Qualificação Social e Profissional. Módulo básico. Caderno do Professor.
- MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2002.
- SERRÃO, Margarida; Baleeiro, Maria Clarice. Aprendendo a ser e a conviver. São Paulo: FTD, 1999.

⁷ COELHO, Alonso Nunes. Juventude... que bixo é esse?, 2002/2003, curso de formação de gestores. OBJ.